



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO SUPERIOR

**RESOLUÇÃO DO CONSELHO SUPERIOR Nº 103/2022,
DE 30 DE SETEMBRO DE 2022**

ANEXO III – Relatório Individual de Trabalho

Nome: Kalna Mareto Teao	Matrícula Siape: 1378599
Classe / Nível: D304	
Lotação: Ifes Venda Nova	
Período de avaliação: 2024/2	

Justificativa de cumprimento

1 - ATIVIDADE DE ENSINO

1.1 - Avaliação discente

Nota: não houve avaliação discente devido à indisponibilidade do sistema

1.2 - Disciplinas Ministradas

História 1- D52 e D54. 3:20 horas

História 2-D46, D48 e D50. 5 horas

História 3-D40, D42 e D44 5 horas

História e cultura indígenas. D46. D48 e D50 0:40 minutos Total: 14 horas

2- ATIVIDADE DE APOIO AO ENSINO

2.16 - Participação como membro efetivo de banca examinadora de dissertação de mestrado
Participação em banca de **Josue Antonio Arias Espino** sobre o tema: “Políticas de educação superior e estudantes indígenas: estudo comparativo entre Brasil e Honduras”,
apresentada publicamente, em 18 de setembro de 2024.

2.20 - Cumprimento dos prazos estabelecidos para atividades didático-
pedagógicas [x] 75% a 100% [] 50 a 74% [] menor que 50%

2.21 - Atendimento e participação em reuniões de cunho
pedagógico/administrativo - [x] 75% a 100% [] 50 a 74% [] menor que 50%

3 - ATIVIDADES DE PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

3.10 - Trabalhos completos publicados em eventos internacionais

Mulheres indígenas tupinikim e guarani do Espírito Santo (1940-2024) . 5º Encontro Internacional História & Parcerias. Rio de Janeiro: 2024, 896p. 03 a 05 dezembro de 2024.

3.26 - Trabalho apresentado pelo docente em congresso internacional

Mulheres indígenas tupinikim e guarani do Espírito Santo (1940-1967) durante o 5º Encontro Internacional História & Parcerias, Rio de Janeiro, 2024. 03 a 05 dezembro de 2024.

3.40 - Participação como ouvinte ou curso frequentado em evento internacional

5º Encontro Internacional História & Parcerias. 30 horas.03 a 05 dezembro de 2024.

Data: 05/02/2025

Assinatura Docente

Assinatura do Coordenador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATESTADO

Para os fins de direito, atestamos que a Professora Dra. **Kalna Mareto Teao** participou da Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de **JOSUE ANTONIO ARIAS ESPINO** sobre o tema: “POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E ESTUDANTES INDÍGENAS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BRASIL E HONDURAS”, apresentada publicamente, em 18 de setembro de 2024, sendo a Banca Examinadora composta pelos seguintes professores Doutores: Sandra Soares Della Fonte (presidente), Edna Castro de Oliveira e Kalna Mareto Teao (membros).

Vitória, 18 de setembro de 2024.

Tania Mara Zanotti G. Frizzera Delboni
Coordenadora Geral do PPGE/Ufes

TEXTOS COMPLETOS

5º Encontro Internacional

História & Parcerias

03 A 05 | DEZEMBRO | 2024

ISBN: 978-6-58840-417-1



9 786588 404171

Organização:

ANPUH RJ
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

P
PROPRIETAS

inct
institutos nacionais
de ciência e tecnologia

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CENTER FOR LATIN
AMERICAN STUDIES

UNGS/IDH
Universidad Nacional de General Sarmiento
Instituto del Desarrollo Humano

Apoio:

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

**TEXTOS COMPLETOS DO
5º ENCONTRO INTERNACIONAL
HISTÓRIA & PARCERIAS**

Beatriz Kushnir
Brodwyn Fischer
Claudia Brittenham
Maria Paula Gonzalez
Mauro Henrique de Barros Amoroso
Thiago de Souza dos Reis
(Orgs.)

**Textos Completos do 5º Encontro Internacional
História & Parcerias**

Rio de Janeiro
Anpuh-Rio
2024

Textos Completos do 5º Encontro Internacional História & Parcerias

Beatriz Kushnir
Brodwyn Fischer
Claudia Brittenham
Maria Paula Gonzalez
Mauro Henrique de Barros Amoroso
Thiago de Souza dos Reis
(Orgs.)

1ª Edição – 2024. Anpuh-Rio

FICHA CATALOGRÁFICA

900	Encontro Internacional História & Parcerias, 5: 2024: Rio de Janeiro, RJ.
	Textos Completos do 5º Encontro Internacional História & Parcerias / Organização Beatriz Kushnir, Brodwyn Fischer, Claudia Brittenham, Maria Paula Gonzalez, Mauro Henrique de Barros Amoroso e Thiago de Souza dos Reis. - 2024.
	896 p.
	e-book [.pdf]: 12Mb
	ISBN: 978-65-88404-17-1
	www.rj.anpuh.org.br
	1. História - Congressos. I. Kushnir, Beatriz. II. Fischer, Brodwyn. III. Brittenham, Claudia. IV. Gonzalez, Maria Paula. V. Amoroso, Mauro Henrique de Barros. VI. Reis, Thiago de Souza dos. VII. Título.

Os(as) autores(as) são responsáveis pelas ideias apresentadas na presente obra.



**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA
SEÇÃO REGIONAL DO RIO DE JANEIRO**
(Biênio 2024-2026)

CONSELHO DIRETOR

Presidenta: Beatriz Kushnir

Vice-Presidente: Wolney Vianna Malafaia

Secretário-Geral: Mauro Henrique de Barros Amoroso

Primeira Secretária: Rafaela Albergaria Mello

Segundo Secretário: Rodrigo de Sá Netto

Primeiro Tesoureiro: Mario Sergio Ignácio Brum

Segundo Tesoureiro: Márcio Roberto Coelho dos Reis

CONSELHO FISCAL

Presidenta: Tania Salgado Pimenta

Secretária: Marcia Maria Menendes Motta

Relator: Ricardo Figueiredo de Castro

CONSELHO CONSULTIVO

Presidenta: Maria Aparecida da Silva Cabral

Secretária: Claudia Cristina Azevedo Atallah

Relatora: Claudiane Torres da Silva

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

Beatriz Kushnir (ANPUH-RIO/UNIRIO – Brasil)

Brodwyn Fischer (Global Studies/University of Chicago – Estados Unidos)

Claudia Atallah (UFF - Brasil)

Claudia Brittenham (Center for Latin American Studies/University of Chicago – Estados Unidos)

Cristiana Schettini (Conicet/Universidad Nacional de General San Martin - Argentina)

Francivaldo Alves Nunes (UFPA – Brasil)

Elizabeth Cancelli (USP - Brasil)

Magno Fonseca Borges (MAST - Brasil)

Marcelo Lima (UFBA - Brasil)

Márcia Motta (UFF/Proprietas – Brasil)

Márcio Antonio Both da Silva (UNIOESTE – Brasil)

Marcio Coelho Reis (CPII - Brasil)

Maria Fernanda Barcos (Universidad Nacional de La Plata/Conicet - Argentina)

Maria Letícia Correa (UERJ – Brasil)

Maria Paula Gonzalez (Universidad Nacional de General Sarbmiento - Argentina)

Marina Monteiro Machado (UERJ – Brasil)

Mauro Henrique Amoroso (UERJ – Brasil)

Mônica de Souza Nunes Martins (UFRRJ - Brasil)

Nívia Pombo (UERJ – Brasil)

Pamela Cacciavillani (Universidad de Monterrey – México)

Patrícia Valim (UFBA - Brasil)

Pedro Parga Rodrigues (UNESP – Brasil)

Rafaela Albergaria Mello (SEEDUC-RJ - Brasil)

Renato Venancio (UFMG - Brasil)

Ricardo Castro (UFRJ - Brasil)

Ricardo Pimenta (IBICT - Brasil)

Thiago Alves Dias (UPE/INCT - Brasil)

Thiago de Souza dos Reis (UVA/UNESA/UERJ – Brasil)

Yuri Mello (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - Brasil)

Acesse o site do evento para outras informações:

www.rj.anpuh.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
A IMPRENSA PROTESTANTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O JORNAL BATISTA Eduard Henry Lui.....	16
A PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS, A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA DOS CONHECIMENTOS E O NOVO ENSINO MÉDIO Geovana Reis, José Elias Domingos Costa Marques, Renato Gomes Vieira.....	30
A INFLUÊNCIA DOS EMBATES CONSTITUCIONALISTAS NA PERCEPÇÃO POLÍTICA DA HISTÓRIA DO DIREITO NO IMPÉRIO Renan Aguiar.....	41
A VACA SAGRADA NO HINDUÍSMO: UM OLHAR ECO-SÓCIO-HISTÓRICO Arilson Paganus.....	56
BIOGRAFIA DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL - TRECHOS SELECIONADOS: ENTRE A REMEMORAÇÃO, O APAGAMENTO E A POTÊNCIA DAS RUÍNAS DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE OURO PRETO (MG) Rodolfo Junqueira Fonseca.....	66
“SE DIGNE ATENDER AS JUSTAS QUEIXAS DOS SUPPLICANTES”: A INSTALAÇÃO DE SINOS NA IGREJA DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS SEM SUA AUTORIZAÇÃO – 1811 Ana Paula Rosa Rossi Duque.....	78
JULIANO MOREIRA NO JORNAL O PAIZ: OS DIFERENTES PAPEIS SOCIAIS DESEMPENHADOS PELO PSIQUIATRA A PARTIR DO PERIÓDICO ENTRE OS ANOS DE 1910 A 1919 Daniela Caroline Dornellas.....	84
A OPERAÇÃO LAVA JATO NO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO: EM DEFESA DO ANTILULISMO Letícia Crespo Bomfim.....	95
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL: A APLICAÇÃO DA LEI Nº 11 645/08 NO MUNICÍPIO DE PIRIPÁ-BA Thallis Augusto Soares Lima.....	103
A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E A AÇÃO EDUCADORA DAS TRAGÉDIAS GREGAS: UMA ABORDAGEM ACERCA DE MEDEIA Jade Rodrigues do Amaral, Amanda Batista da Silva.....	114
A QUEDA DA MONARQUIA BRASILEIRA E A ASCENSÃO REPUBLICANA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E OS USOS DO ESQUECIMENTO Millena Lemos Precioso.....	124

MULHERES PRETAS FORRAS: CHEFIAS DOMICILIARES E A LUTA POR LIBERDADE NO SÉCULO XVIII	
Rafaela Sousa Vieira.....	132
O COMBATE AO COMUNISMO NO GOVERNO VARGAS	
André Barbosa Fraga.....	143
“EU CONHEÇO O MEU LUGAR! ESTÁ NA HORA DE VOCÊ CONHECER O SEU”: AS DIFERENTES CONSTRUÇÕES DE UM FEMININO GUERREIRO EM MULAN (1998) E RAYA E O ÚLTIMO DRAGÃO (2021)	
Juliana Avila Pereira.....	152
O CARNAVAL DE CONGO DE MÁSCARAS EM RODA D’ÁGUA: HISTÓRIA, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO	
Vinícius de Aguiar Caloti.....	162
O MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ E O ENSINO DE HISTÓRIAS: A INTERFACE ENTRE A HISTÓRIA ESCOLAR E A HISTÓRIA LOCAL	
Walter José Moreira Dias Junior, Laryssa Almeida dos Santos Machado, Rychard do Nascimento Ferreira.....	172
A CONSTRUÇÃO DO ESTADO-NACIONAL DA ARGENTINA E A QUESTÃO INDÍGENA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Giovana Eloá Mantovani Mulza.....	180
SALA-MUSEU: UM CENTRO DE MEMÓRIA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO	
Micheli da Cruz Cardoso Tavares.....	191
MEMÓRIAS DAS ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS E DE OPOSIÇÃO À DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL	
Edson Silva, José Alves Dias.....	203
MULHERES NEGRAS NA RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO E DA ESCRITA NA TRAJETÓRIA DE ROSA EGIPCÍACA E PHILLIS WHEATLEY	
Thalyta Beatriz de Brito Fonseca.....	214
AS AMBIÇÕES DO BRASIL NA ORDEM NUCLEAR GLOBAL (1946 – 1955)	
José Ricardo Jesus Ribeiro.....	222
AS MENINAS MORTAS DA ERA MÉDICI: OS CASOS ARACELI E ANA LÍDIA (1973)	
Liliane Silva Barbosa.....	231
AS MOLÉSTIAS E AS PRÁTICAS DE CURA NA CAPITANIA DO RIO NEGRO (1755-1772)	
Otávio Vítor Vieira Ribeiro.....	242
AS REPRESENTAÇÕES DO PSD NO JORNAL O GLOBO DURANTE O PRESIDENCIALISMO DE JOÃO GOULART (1963-1964)	
Eric Patrick Silva de Faria Rocha.....	252

ATENAS E PÉRSIA UMA PROXIMIDADE ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE	
Jerrison Patu.....	263
EDUCAÇÃO E DEMOGRAFIA: A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR DOS MESTRES DE PRIMEIRAS LETRAS EM MINAS GERAIS OITOCENTISTA	
Vanessa Souza Batista.....	272
ALCEBÍADES VARGAS DA CUNHA, VULGO GAITEIRO: UMA ANÁLISE DE CASO DO CRIME E COTIDIANO (ERECHIM/RS - 1950)	
Daniel da Silva Amorim.....	284
CIDADE DO RIO: A UTILIZAÇÃO DO JORNAL COMO FONTE HISTÓRICA	
Rita de Cássia Azevedo Ferreira de Vasconcelos.....	294
CIRCUITO MULTILETRAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O "NOVO BÁSICO" DOCENTE	
Flávia Beatriz Ferreira de Nazareth de Sousa.....	305
IBI MI: PENSANDO O LUGAR DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA	
Erika Pinheiro do Espírito Santo Prell de Oliveira.....	315
CORRUPÇÃO PÚBLICA: ENTRE TÁTICAS E PRÁTICAS ILEGAIS DESENVOLVIDAS NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO EM ALAGOINHA DO PIAUÍ – PI (2014)	
José Clecionarton Teixeira, Raimundo Nonato Lima dos Santos.....	323
A CIDADE VIGIADA: SANTOS NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR	
Dayane Santos Araujo.....	334
OS PERCALÇOS DA EDUCAÇÃO SOVIÉTICA EM SUA PRIMEIRA FASE	
Diego Becker.....	343
EDUCAÇÃO, GÊNERO E REVOLUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DE EMMA GOLDMAN	
Nilciana Alves Martins.....	353
PELOS CAMINHOS DE ENEIDA DE MORAES: MEMÓRIA, JORNALISMO E LITERATURA	
Amanda Batista da Silva, Jade Rodrigues do Amaral.....	360
ENTRE A ANTIGUIDADE E O NOVO MUNDO: A HERANÇA NEOCLÁSSICA NA CORTE JOANINA E OS DILEMAS DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL	
Víctor Hugo Souza Almeida.....	370
ESCRavidão E AGÊNCIA NO EGITO ANTIGO: DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA	
Esther Pessoa Costa, Alexandre Galvão Carvalho.....	377
ESTUDANTES E PROFESSORES NAS PÁGINAS DO JORNAL O OLINDENSE (1831-1832): COTIDIANO E ORGANIZAÇÃO DO CURSO JURÍDICO DE OLINDA	
Noemia Dayana de Oliveira.....	389

FAVELA DA ROCINHA E O ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DE COVID-19: O ATIVISMO SOCIAL NO TERRITÓRIO (2020-2022)	
Ingrid Gomes Ferreira.....	398
JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO E MEMÓRIA: UM ESTUDO ENTRE BRASIL E ARGENTINA NO CONTEXTO DOS REGIMES DITATORIAIS	
Giovana Mylena Silva Soares, Maria Cllara Barbieri Farinha Marrafa.....	409
AS REPRESENTAÇÕES DA “CIDADE-MODELO DO PIAUÍ”: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA-IMAGÉTICA E A DESIGUALDADE SOCIAL EM PICOS-PI (1966-2000)	
Graziela Reis da Silva.....	419
“VOCÊ GOSTA DE FILMES DE TERROR?”: POSSIBILIDADES DE ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E CINEMA DE TERROR	
Ygor Pires Monteiro.....	430
O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GOVERNADOR ROBERTO SILVEIRA: LUGAR DE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS (1962-1967)	
Kátia Regina Guimarães Ribeiro Ferreira.....	441
HISTÓRIA INVISÍVEL? O RESGATE DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR	
Ana Cristina Borges López M. Francisco.....	451
HISTÓRIA ORAL E AFROGRAFIA CARIOCA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O CENTRO DE MEMÓRIA DO RENASCENÇA CLUBE	
Claudia dos Santos Lagame Lobo.....	460
JURACY MAGALHÃES E A REPERCUSSÃO DA CASSAÇÃO DO REGISTRO DO ENTÃO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO NAS PÁGINAS DO JORNAL O MOMENTO	
Manoel Reinaldo Silva Rego.....	469
L’ETÀ DEL TESSITORE: UM BREVE PANORAMA DOS FEITOS DE POLÍTICA INTERNA E EXTERNA DE CAMILO CAVOUR DURANTE O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO ITALIANA (1852-1858)	
Luiz Felipe dos Santos Narciso.....	479
A HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA HISTÓRICA NO GOVERNO BOLSONARO (2019 - 2022)	
Maria Portilho Bagesteiro.....	489
POSSIBILIDADES E DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA PÚBLICA: PARA PUBLICIZAÇÃO DE OUTRAS HISTÓRIAS ITAPAGIPE/MG	
Maria Rita de Jesus Barbosa.....	498
MEMÓRIAS DE UM INTELLECTUAL UDENISTA: OSCAR DIAS CORRÊA E A “REPÚBLICA SINDICALISTA” DE JOÃO GOULART (1961-1964)	
Samuel Davi Rocha Santos.....	510
A QUESTÃO DA LIBERDADE COMERCIAL EM DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (BAHIA, SÉCULO XVIII)	
Millena Souza Leite Oliveira.....	522

MULHERES INDÍGENAS TUPINIKIM E GUARANI DO ESPÍRITO SANTO (1940-2024)	
Kalna Mareto Teao.....	530
MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ (MHM) E SUA NARRATIVA: A HISTÓRIA DA CIDADE DE MARICÁ EM 15 OBJETOS	
Carina Rocha, Nilton Cezar Brum, Maria Camiris Cardoso de Araujo.....	539
NÁDEGAS, VOLUMES E OBSCENIDADES: USOS DA PORNOGRAFIA EM LAMPIÃO (1978-1981)	
Izaque Anversi Coqui.....	555
AJUDA SUÍÇA: O TRABALHO HUMANITÁRIO E AS AÇÕES DE INTERVENÇÃO EM CRISES GLOBAIS (c. 1945 – c. 1970)	
Nathan Henrique da Silva Lermen.....	567
O FEDERALISMO NO BRASIL E NA ARGENTINA: DISCUSSÕES, DISPUTAS E LONGOS PROCESSOS	
Carlos Leonardo Verçosa Barros.....	577
O RATO QUE VIROU URSO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A GUERRA RUSSO-JAPONESA NAS REVISTAS ILUSTRADAS O MALHO E REVISTA DA SEMANA	
Marília Luíza Ramos da Cruz.....	644
“PORCOS CAPITALISTAS OPRESSIVOS”: O LUGAR CRÍTICO DA FICTÍCIA EMPRESA OMNI CONSUMER PRODUCTS (OCP) NA FRANQUIA ROBOCOP (1987-2014)	
Sávio Queiroz Lima.....	661
OS DISPOSITIVOS DE INSEGURANÇA SOCIAL COMO PARADIGMA DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	
Matteo Allegrezza.....	675
OS PASQUINS NA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR E A VOZ DA LIBERDADE	
Caio Matos de Souza Feitosa.....	686
OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA MODERNIDADE TARDIA A PARTIR DA OBRA DE GIORGIO AGAMBEN E STUART HALL	
Higor Renan Bezerra Pessoa.....	698
O IMPACTO DE THE WARRIORS (1979) NO MOVIMENTO PUNK DE SÃO PAULO: GANGUES E VIOLÊNCIA NOS ANOS FINAIS DA DITADURA MILITAR	
Bruno Coutinho Lucas Pereira.....	704
REFLEXÕES DE BIFO PARA UM PRESENTE SEM FUTURO	
Gabriel de Moura Cavalcanti.....	713
“REI DO SOM”: ANÁLISE HISTÓRICA DA PARTICIPAÇÃO DE PICOENSES NO CAMPEONATO DE SOM AUTOMOTIVO, NA DÉCADA DE 1990	
Ana Ester de Matos Silva, Raimundo Nonato Lima dos Santos.....	723
O PROJETO MINERVA ENTRE DIÁLOGOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS-CULTURAIS PARA O ENSINO SUPLETIVO NA DÉCADA DE 1970	
Rosa Maria Garcia Monaco, Marcela Cockell, Niely Natalino de Freitas Leyendecker.....	733



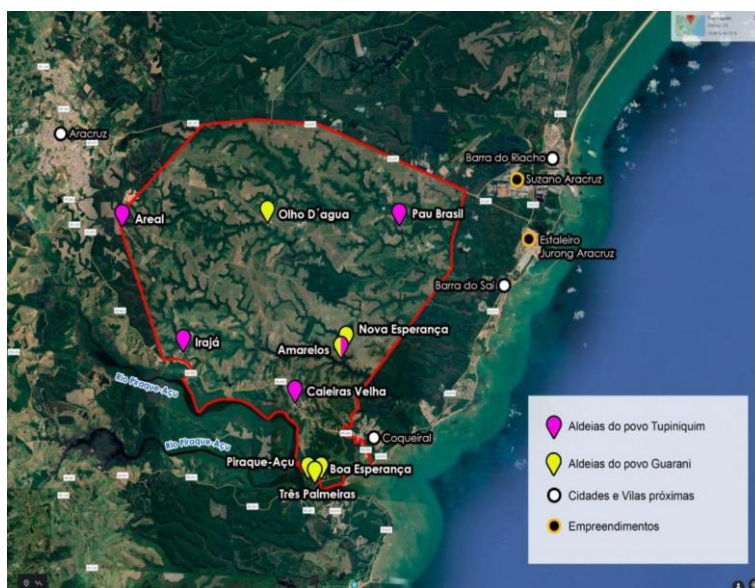
MULHERES INDÍGENAS TUPINIKIM E GUARANI DO ESPÍRITO SANTO (1940-2024)

Kalna Mareto Teao
(IFES)

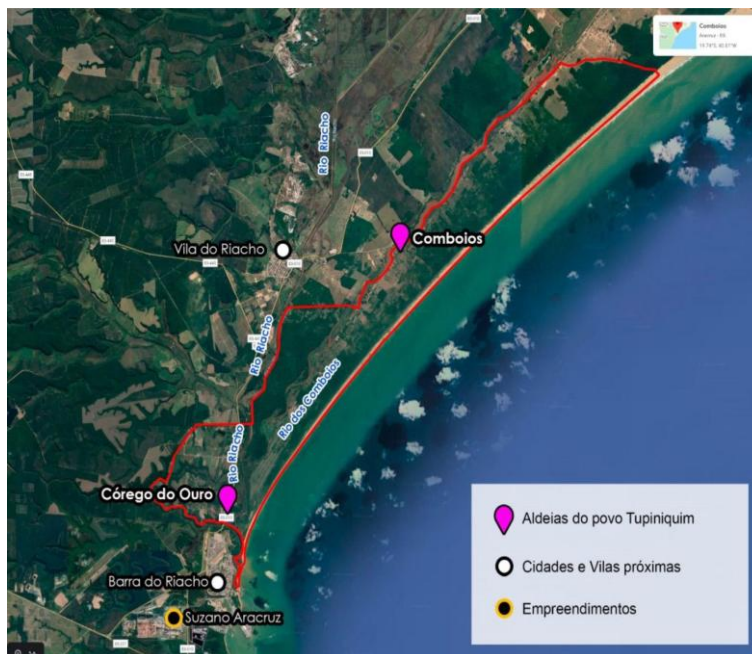
Introdução

Vamos analisar a história das mulheres indígenas tupinikim e guarani mbya do Espírito Santo no período de 1940 a 2024. Para tanto, utilizaremos como fontes os depoimentos de mulheres indígenas, os trabalhos de conclusão de curso da licenciatura intercultural indígena da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e trabalhos acadêmicos de autoria indígena e não indígenas.

O território indígena tupinikim está localizado no município de Aracruz, situado no litoral norte do Espírito Santo, a 83 km da capital Vitória. As aldeias tupinikim são: Caieiras Velhas, Irajá, Comboios, Pau Brasil, Córrego do Ouro e Amarelos. As aldeias guarani são: Boa Esperança, Três Palmeiras, Piraquê-Açu, Olho D'água e Nova Esperança. Os índios vivem do artesanato, da agricultura, do turismo e de profissões relacionadas à educação (merendeiras, professores) e à saúde (agentes de saúde, enfermeiros). A população aldeada em Aracruz é de 7.425 índios. (CENSO IBGE, 2022).



Mapa das aldeias tupinikim e guarani. Fonte FGV



A metodologia por nós empregada consiste na **Etno-história** (FERREIRA NETO, 1997), que consiste na articulação entre a Antropologia e a História, de forma a complementar e integralizar a análise das diversas fontes, como depoimentos orais, fontes escritas e fontes produzidas pelos próprios indígenas. Além disso, a relação dessas áreas de conhecimento possibilita uma melhor análise dos conceitos e categorias na temática indígena. Procuraremos utilizar em nosso trabalho, a construção do conhecimento elaborado pelos indígenas, no que tange à epistemologia indígena e sua forma de produção de conhecimento e de categorias e conceitos indígenas.

A Etno-história procura pensar a história elaborada pelos próprios grupos étnicos de forma interdisciplinar. Permite revisitar criticamente e compreender a historicidade dos termos cultura, tradição e identidade étnica. Os conceitos de cultura e identidade são considerados produtos históricos construídos por meio das complexas relações sociais entre indivíduos e grupos em contextos diferenciados e permitem análises mais amplas acerca das relações interétnicas.¹

A Etno-história propõe uma abordagem da temática indígena para além da descrição do modo de vida e da cultura, pois visa ao aprofundamento das relações interétnicas, da historicização do contato, da abordagem em uma perspectiva do conflito de interesses e do protagonismo

¹ THOMPSON, MINTZ E BARTH apud ALMEIDA, 2012, p.151.

indígena. Pressupõe a possibilidade de cruzamento de fontes orais e escritas. Permite ao historiador que, para além da análise das fontes escritas, ele recorra à pesquisa de campo para observar e aprofundar as informações do documento, permite vivenciar as situações indígenas e verificar como se dão as relações interétnicas, muitas vezes não relatadas nos documentos escritos.

Conforme Almeida (2012, p.151) as novas perspectivas da Etno-história permitem ultrapassar uma série de visões estereotipadas, preconceituosas e simplistas ao revelarem realidades de sociedades indígenas complexas, nas quais grupos étnicos e sociais interagem, influenciam-se e transformam suas culturas, histórias e identidades.

A produção de conhecimento realizada pelas mulheres indígenas amplia a percepção e abre novos horizontes temáticos no campo da produção científica. Em primeiro lugar, destacamos que essas mulheres indígenas são protagonistas de suas próprias histórias, elas são ao mesmo tempo como sujeitos de pesquisa e pesquisadoras. É interessante notar que a autoria indígena é compartilhada entre as pesquisadoras, a universidade e a comunidade étnica. Ou seja, o conhecimento produzido circula em diversas esferas da vida social e retorna como forma de colaboração e desenvolvimento nas aldeias indígenas. Em segundo lugar, o conhecimento parte de uma educação intercultural, isto é, a troca de culturas tanto do universo indígena como do universo ocidental. Ocorre a valorização dos etnoconhecimentos como plantas medicinais, histórias indígenas, a atuação dos movimentos indígenas, a valorização dos anciãos e lideranças das aldeias. Entretanto, ocorre um desafio entre essas trocas de culturas. As relações entre os conhecimentos perpassam por relações assimétricas de poder. No âmbito da universidade, os desafios são maiores. Os professores falam em língua portuguesa e os alunos na língua indígena. A produção científica ainda é embasada e ancorada em autores e referenciais teóricos ocidentais. No México, por exemplo, a educação é bilingue e os mais velhos são levados para dentro da universidade para lecionar aulas, levar seus conhecimentos tradicionais para os alunos indígenas. Na licenciatura intercultural do Sul da Mata Atlântica em Santa Catarina, presenciamos aulas com a participação de mais velhos homens e mulheres, além de rituais guarani dentro do espaço da universidade. Essa é a importância da construção do conhecimento indígena. O que podemos aprender com eles?

Aníbal Quijano (2005, p.121) compreende o eurocentrismo como meio da incorporação de diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa. Com efeito, todas as experiências históricas, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Podemos dizer que a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle da subjetividade, da cultura, e da produção do conhecimento.

Durante muito tempo os estudos de gênero relacionam-se à temática dos movimentos feministas. Quanto às temáticas de recorte étnico-racial temos um maior destaque nos últimos anos em relação aos trabalhos produzidos por intelectuais indígenas e não indígenas. Nesse contexto, podemos citar Amanda B. Santos, Caroline Leal Mendonça, Jaqueline R. de Almeida, Juliana C. de Dutra.

Nesse contexto, Francesca Gargallo Celentani (2014, p. 119-120) aponta que existem diversas formas de pensamento feminista entre as mulheres indígenas. O primeiro movimento são as mulheres indígenas que lutam por melhores condições de vida dentro de sua comunidade. O segundo movimento, as mulheres preferem não se reconhecerem como feministas porque temem que as demais mulheres e os homens de sua comunidade sintam-se incomodados. Já o terceiro movimento, se refere às mulheres que identificam semelhanças entre as suas reivindicações indígenas e não indígenas, para se libertarem de atitudes preconceituosas e machistas. Por fim, o quarto movimento representa as mulheres indígenas que são abertamente feministas, que organizam e participam de encontros públicos e estão em permanente crítica e diálogo com outros movimentos feministas, tais como as indígenas que se identificam com o **feminismo comunitário**.

O feminismo comunitário nasceu de reflexões de mulheres indígenas que identificam que a terra e as origens étnicas são fatores formadores da construção de uma identidade política. A escritora Julieta Paredes Carvajal (2019, p. 80-81), que é indígena boliviana e ativista do feminismo comunitário, explica que esse tipo de feminismo surgiu na Bolívia e esse movimento reivindica o bem viver e a luta coletiva das mulheres indígenas.

As lideranças indígenas tradicionais femininas

As lideranças femininas tradicionais tupinikim e guarani são de suma importância para as comunidades étnicas. Elas guardam consigo as histórias de coesão do grupo étnico, as tradições, os saberes, os conhecimentos da cultura, das plantas medicinais, dentre outros. Todos esses valores estão contidos no corpo território das mulheres indígenas. Para Elisa Urbano (etnia Pankararu) o **corpo território** vincula-se com os seus antepassados, da relação do povo com o sagrado. (PANKARARU, 2023, p.46).

As mulheres indígenas guarani como Tatãti Ywa Reté e sua filha dona Aurora foram responsáveis por conduzir o grupo guarani mbya ao Espírito Santo. Esse grupo saiu do Rio Grande do Sul em 1940 e chegou ao estado em 1967. Dessa trajetória conhecida como **oguata porã** foi motivada por causas internas e externas. As causas internas são conflitos internos entre os índios, as visões, os sonhos, as revelações, as trocas de sementes, as alianças por parentesco, casamentos



e rituais. As causas externas são os conflitos fundiários entre índios e fazendeiros, entre índios e a empresa Aracruz Celulose (1967-2006).

Essas mulheres guarani foram responsáveis por manter a união e a coesão do grupo étnico, sendo detentoras dos conhecimentos religiosos vinculados a Terra sem mal. Sua relação com o território guarani é profunda, pois o caminho percorrido por esses índios estava situado em sentido leste, próximo ao mar e com presença de Mata Atlântica (LADEIRA, 1992,2001). As mulheres guarani guardam o bioma Mata Atlântica em seus corpos territórios, pois têm o conhecimento dos locais a serem percorridos, a relação com o meio ambiente e seu vínculo religioso, a busca por sementes e os rituais de batismo do milho e da erva mate que foram conduzidos por elas.

As mulheres tupinkim como dona Helena Coutinho e dona Irene Oliveira ocupavam a função de parteira e participavam das bandas de congo. Essas funções remetem a organização da comunidade étnica, visto que as parteiras davam origem à vida desses povos e conheciam mais a realidade indígena. Já a atuação nas bandas de congo, permitia o vínculo com a religiosidade católica em festejos de São Benedito e Santa Catarina. Essas festas constituíam-se como espaços de sociabilidade e compartilhamento das culturas.

As mulheres tupinikim guardam em seu corpo-território o conhecimento das técnicas de pesca dos peixes e mariscos, como elaborar os artesanatos de taboa e a relação com o conhecimento das plantas medicinais e do manguezal. Segundo Pego e Pereira (2022, p.22), Dona Helena é um exemplo de mulher anciã que participa de encontros e momentos para transmitir os conhecimentos dos ancestrais, da medicina tradicional, da alimentação, da agricultura e lutando e exigindo respeito pelo modo de vida diferenciado do povo indígena. Além de ser importante referência para os Tupinikim, ela é uma mulher que ajudou sua comunidade étnica a lutar pelo território indígena durante 1967-2006.

As novas lideranças indígenas femininas

As novas lideranças femininas tupinikim e guarani possuem em comum a formação na educação escolar e sua participação política nos movimentos indígenas. Essas mulheres estudaram no Magistério indígena (1996-1999) da UFES² e no Magistério “Kuaa Mbo'e” (Conhecer e ensinar)

² De 1996 a 1999, foi realizado curso de formação de magistério indígena, já que essas comunidades reivindicavam urgentemente a atuação de professores indígenas nas aldeias. Esse curso funcionava com a parceria da SEDU, da SEMED e do IDEA. O curso era dividido em atividades denominadas tempo/aula e tempo/aldeia.² Foram os seguintes objetivos do curso de formação: implementar a educação indígena específica e diferenciada, intercultural e bilíngue; elaborar propostas de conhecimento com processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas e de outros povos; produzir material didático para as duas etnias e valorizar as culturas Tupinikim e Guarani

da UFSC.³ Depois, continuaram suas trajetórias acadêmicas no Prolind UFES (Licenciatura intercultural indígena Tupinikim e Guarani).⁴ Outras tiveram acesso a outras licenciaturas interculturais como a UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso) e a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC). Também frequentam faculdades regionais não indígenas e conseguiram se formar. Essas indígenas tiveram formação em diversas profissões, como professoras, pedagogas, geógrafa, linguista, antropóloga, secretária executiva, enfermeira.

A atuação em defesa da luta pela terra e pelos direitos coletivos (saúde e educação) contribuíram para a formação política dessas mulheres e sua afirmação da identidade étnica. Dentre as organizações indígenas, podemos citar a Associação das mulheres indígenas de Pau Brasil, a APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo), a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), a participação na Marcha das mulheres indígenas. Houve outros movimentos sociais e entidades não governamentais que apoiaram e contribuíram na formação dessas novas lideranças. Podemos destacar: o CIMI (Conselho Indígena Missionário), a FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional). Além de cursos de capacitação no enfrentamento da violência de gênero promovidos pela ONU. (Organização das Nações Unidas).

³ Em 2001, as lideranças Guarani tradicionais e novas do litoral Sul e Sudeste decidiram sobre a necessidade de um curso de formação específico. Para atender a essa demanda, a FUNAI, o MEC e os governos estaduais estabeleceram uma relação de parceria e implantaram o curso denominado Programa de Formação Escolar Guarani da Região Sul e Sudeste do Brasil - Kuaa Mbo'e = Conhecer / Ensinar (2003-2008). Esse curso de magistério indígena habilitava os professores guarani para atuarem nas escolas no ensino fundamental. Tratava-se de uma formação de cursistas em nível médio. O curso envolvia os Guarani dos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e dele participaram 74 cursistas.

⁴ O PROLIND é um programa de ensino superior vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e à Secretaria de Educação e Diversidade (SECADI), conta com o apoio da Secretaria de Educação Superior (SESU) e execução financeira do FNDE. O objetivo do programa é apoiar a formação de professores indígenas, em nível de graduação, considerando as especificidades locais e culturais dos diversos povos, obedecendo a legislação da educação escolar indígena. O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani - PROLIND foi criado, conforme Resolução n.11/2014 do Conselho Universitário da UFES. O vestibular foi realizado por meio de prova de redação em língua indígena. Desde o segundo semestre de 2015, o PROLIND foi ofertado na Base Oceanográfica da UFES, em Aracruz. A primeira turma foi composta por 70 alunos das etnias Tupinikim e Guarani Mbya. Os critérios de seleção dos alunos foram: título de licenciatura plena e atuação como docente na educação básica. A graduação era presencial e com o período de duração de 5 anos, na modalidade de alternância, dividido em tempo/universidade e tempo-comunidade. As aulas presenciais eram concentradas nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto, complementadas com várias atividades de pesquisas a serem realizadas nas aldeias. O aluno teve habilitação nas áreas de: Ciências Sociais e Humanidades; Artes, Linguagens e Comunicação e Ciências da Natureza e Matemática. O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena contou com uma carga horária total de 3.890 horas, possibilitando ao aluno atuar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Podemos afirmar que a luta pelo território e pelos direitos coletivos promove a afirmação da identidade étnica. Para Cunha (1987, p.113-119), a identidade étnica consiste na afirmação de um indivíduo pertencente à sua comunidade indígena. O indivíduo se reconhece enquanto indígena e a comunidade também o reconhece como pertencente àquele grupo étnico. Weber (1994) considera que é por meio da ação política e coletiva que se forma o sentimento de comunhão étnica, na qual o grupo se identifica entre si e possui um objetivo comum, contribuindo para desenvolver neles o sentimento de pertencimento a um povo.

Os desafios das novas lideranças femininas são a necessidade de ausentar-se por longos períodos para participação de reuniões em assembleias indígenas, formações, cursos e demais eventos fora das aldeias. Diante disso, ficam longe de suas famílias e de seus filhos, ocasionando conflitos internos entre ser mãe e mulher indígena e representante de suas comunidades. Além disso, podemos destacar a luta histórica das mulheres indígenas contra o patriarcado, a presença do eurocentrismo e do colonialismo histórico. Enfrentar o racismo e a xenofobia presentes nas instituições e na sociedade brasileira é uma tarefa árdua e contínua que as mulheres indígenas lutam historicamente. Elas buscam uma equidade de gênero devido às condições desiguais em relação ao mundo do trabalho, da ciência, da universidade e lutar pela garantia dos direitos sociais. O fator que une tanto mulheres indígenas e não indígenas é o combate e o enfrentamento à violência de gênero a que são submetidas, seja ela violência física, psicológica, patrimonial, moral e sexual.

Considerações finais

Diante de tantos desafios, as mulheres indígenas têm-se mostrado como protagonistas de suas próprias histórias e representantes de lutas históricas contra o patriarcado, o machismo, a misoginia, o racismo estrutural e institucional, as desigualdades salariais e a violência de gênero. As mulheres indígenas constroem suas histórias particulares junto às histórias coletivas de suas comunidades étnicas.

Elas expressam em seu corpo território trajetórias de lutas políticas, memórias e histórias de seus povos, ancestralidades, tradições, culturas e relações com o meio ambiente, a terra e seus territórios. As pinturas corporais e os adornos remontam aos símbolos de tradições e de histórias de cada povo indígena que carrega em si o semblante indígena das lutas contra o colonialismo, a violência histórica, o preconceito e o racismo.

Para finalizar, segundo Leila Guarani, as mulheres indígenas são como sementes, pois elas são responsáveis em suas aldeias por semear e plantar garantindo na agricultura a sobrevivência de suas comunidades étnicas. Elas também são sementes porque semeiam suas culturas, suas

memórias, suas tradições e suas histórias. Constituem-se como sementes fundamentais do conhecimento do seu povo indígena.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina C. de. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Descolonizar as lutas: a proposta do feminismo comunitário, *Revista Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/189>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CELENTANI, Francesca Gargallo. *Feminismos desde Abya Yala: ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*, editorial Corte y Confección, edición digital, enero de 2014. Disponível em: <https://rancedcagargallo.wordpress.com/ensayos/librosdefg/feminismos-desde--abya-yala/>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbya guarani*. Tese (Doutorado). Programa de Estudos de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.

_____(org). *Memória viva Guarani: revelações sobre a terra*. Comunidade Tekoa Porã. Vitória:UFES,1996.

CUNHA, Manuela C. da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: _____ *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERREIRA NETO, Edgar Ferreira. História e etnia. In: Domínios da História: *Ensaio de Teoria e de Metodologia*. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. 13 ed. Rio de Janeiro: Elsevier,1997.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz: o território Mbya à beira do oceano*. 1992. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ PUC, São Paulo, 1992.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. 2001. 270 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). USP/ São Paulo, 2001.

LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila (org.). *Terras guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós. Ka'a güy oreramói kúery ojou rive vaekue ÿ*. São Paulo: CTI, 2004.

PANKARARU, Amanda. *A retomada das indígenas: reflorestando o lugar de mulher*. 2023. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – 93 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PEGO, Luanna de Souza. PEREIRA, Rosiane Neves. *A história de uma guerreira tupinikim*: Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta pela resistência e tradição do seu povo indígena. Trabalho de conclusão de curso. Prolind. UFES, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 10.dez.2024.

TEAO, Kalna Mareto. LOUREIRO, Klítia. *História dos índios do Espírito Santo*. Vitória. Editora do autor, 2009.

TEAO, Kalna Mareto. *Arandu renda reko*: a vida da escola Guarani Mbya. Dissertação (Mestrado em Educação). 2017. 238 f. Programa de Pós-graduação em Educação. UFES, Vitória, 2017.

TEAO, Kalna Mareto. *Território e identidade dos Guarani Mbya do Espírito Santo (1967- 2006)*. Tese (Doutorado em História Social). 2015. 234 f. Programa de Pós-graduação em História. UFF. Niterói, 2015.

TEAO, Kalna Mareto. *Território e identidade dos Guarani Mbya do Espírito Santo (1967- 2006)*. Curitiba: CRV, 2019.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: *Economia e sociedade*. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1994.

YOSHIDA, Mariana R. F. Sousa, R.C.S. SILVA, L.A.L.O movimento das mulheres indígenas: da invisibilidade à luta por direitos coletivos. *Revista Eletrônica do CNJ*, v. 5, n. 2, jul. /dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/ojs/index.php/revista-cnj/article/view/251/124>. Acesso em 10 dez.2024.

5º Encontro Internacional História & Parcerias

03 A 05 | DEZEMBRO | 2024

www.rj.anpuh.org.br

CERTIFICADO

Certificamos que

Kalna Mareto Teao

apresentou a comunicação oral intitulada ***Mulheres indígenas tupinikim e guarani do Espírito Santo (1940-1967)*** durante o **5º Encontro Internacional História & Parcerias**, realizado a partir da cidade do Rio de Janeiro entre os dias 03 e 05 de dezembro de 2024, a participação contempla, ainda, 30 h/a em atividades gerais.

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2024.

Prof. Dra. Beatriz Kushnir
Presidenta da Anpuh-Rio
Biênio 2024-2026

Organização:

ANPUH RJ
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

P
PROPRIETAS

inct
institutos nacionais
de ciência e tecnologia

THE UNIVERSITY OF
CHICAGO
CENTER FOR LATIN
AMERICAN STUDIES

UNGS/IDH
Universidad Nacional de General Sarmiento
Instituto del Desarrollo Humano

Apoio:

FAPERJ
Fundação Coordenação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

5º Encontro Internacional História & Parcerias

03 A 05 | DEZEMBRO | 2024

www.rj.anpuh.org.br

CERTIFICADO

Certificamos que

KALNA MARETO TEO

participou como OUVINTE no **5º Encontro Internacional História & Parcerias**, realizado a partir da cidade do Rio de Janeiro entre os dias 03 e 05 de dezembro de 2024, a participação contempla 30 h/a em atividades gerais.

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2024.

Profa. Dra. Beatriz Kushnir
Presidenta da Anpuh-Rio
Biênio 2024-2026

Organização:

ANPUH RJ
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA

P
PROPRIETAS

inct
institutos nacionais
de ciência e tecnologia

THE UNIVERSITY OF
CHICAGO
CENTER FOR LATIN
AMERICAN STUDIES

UNGS/IDH
Universidad Nacional de General Sarmiento
Instituto del Desarrollo Humano

Apoio:

FAPERJ
Fundação Coordenação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO Nº 5/2025 - VNI-CCTA (11.02.33.01.08.02.05)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 28/02/2025 10:07)
KALNA MARETO TEAO
PROFESSOR DO ENSINO BASICO TECNICO E TECNOLOGICO
VNI-CCTA (11.02.33.01.08.02.05)
Matrícula: 1378599

(Assinado digitalmente em 28/02/2025 10:00)
RODRIGO PASTE FERREIRA
COORDENADOR DE CURSO
VNI-CCTA (11.02.33.01.08.02.05)
Matrícula: 1807778

Visualize o documento original em <https://sipac.ifes.edu.br/documentos/> informando seu número: 5, ano: 2025, tipo:
RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO, data de emissão: 28/02/2025 e o código de verificação:
76b1879003